Integração do Paraná no Mercosul e privatizações

Temas serão levantados por ex-governador, certo de que Senado é lugar para debater tais questões

ROBERTO REQUIÃO

Vou me dedicar a representar o Paraná, coisa que até hoje não aconteceu. Vou suprir essa deficiência que senti como governador. Não que vá me prender somente aos interesses do meu Estado. Vou ser um senador do Paraná e do Brasil, defender o desenvolvimento nacional acima de qualquer coisa. Mas é preciso que o Paraná ocupe no Congresso o espaço que lhe cabe. Nosso Estado é grande produtor agrícola, de energia, tem as contas em dia e precisa ser reconhecido nacionalmente.

Vou dizer não ao liberalismo desgastado e é defendido como solução para todos os males no Brasil. Sou a favor do Plano Real, mas não tenho que aceitar junto o Fundo Monetário Internacional (FMI) e suas políticas que provocam desemprego e desnacionalização. Serei um combatente dessas políticas no Senado. Vou sempre apoiar a agricultura e a geração de empregos.

O Senado é uma casa com competência para votar os empréstimos internacionais do País e isso precisamos examinar com muito carinho. Não podemos permitir acordos lesivos e que nos obrigam a imensos sacrifícios. É também uma instância revisora da Câmara dos Deputados, embora seja a última a falar. Serei moderno e nacionalista. Não acredito nessa privatização indiscriminada e no fim do Estado. O Senado é uma tribuna para debater essas questões e lá podemos nos dedicar às questões estratégicas. Não pensamos só no próximo governo.

Pensamos na sucessão da sucessão. Nosso mandato é de oito anos para isso. Não é para nos perdermos no varejo. É preciso tratar do atacado.

Todo esse discurso contra o Estado ignora a situação de cada região. Estamos construindo aqui no Paraná, fora do Orçamento da União, pontes, estradas, ferrovias, duplicando rodovias, fazendo coisas que seriam da atribuição da União. Falam mal dos bancos estaduais em geral, mas nosso banco é um modelo de desempenho no País e até para os bancos estrangeiros instalados aqui.

Para que serve um banco estadual? Para fomentar o desenvolvimento regional, financiar a agricultura, gerar empregos.

O Senado tem que mudar, tem que ser mais presente, mas só acredito em mudança a partir do exemplo pessoal. Vou trabalhar muito, como sempre trabalhei e espero motivar meus pares. Meu objetivo é o desenvolvimento e a integração do Brasil na economia mundial, mas não essa integração acorçada diante do Primeiro Mundo. Temos que ter nossos próprios caminhos.

O PMDB tem que apoiar o Brasil e não o governo. Houve uma eleição e o vitorioso foi o candidato do PSDB. Quem quer adesão ao PSDB que mude de partido. O PMDB, para mim, não deve ter cargos no novo governo. Deve apoiar os projetos de interesse nacional e não fazer oposição sistemática. O PMDB tem um encontro marcado em setembro do ano que vem para definir sua linha de conduta. Nesse momento vai ficar mais definido o quadro

partidário.

Sou favorável ao Plano Real e temos que contribuir para viabilizá-lo, porque, afinal de contas, foi ele que foi eleito. A população não elegeu Fernando Henrique Cardoso, elegeu o plano, que nem sequer é um plano elaborado. Por enquanto, é só uma medida monetária.

A integração do Paraná com o Mercosul é outra das nossas preocupações. Temos que integrar com cuidado para não cair no neoliberalismo entreguista, que acaba com nossas empresas.

O Paraná tem que ter seu lugar reconhecido no plano nacional. Nós produzimos 26% dos

grãos e temos 2,3% do território. O Estado está capitalizado e bem estruturado. Não se pode falar em privatizar a companhia hidrelétrica paranaense, a Copel, sem mais nem menos, como

o governo tem feito. É uma empresa saudável e competitiva. Por que passar para a iniciativa privada? Por que não suspendem a construção das usinas superfaturadas?

A Usina de Segredo construímos com um custo de U\$ 700 por kilowatt, a Usina de Xingó está custando U\$ 1.500 por kilowatt. Por que não acabar com o trambique, antes de querer privatizar tudo? Por que entregar o sistema energético?

O Senado será uma tribuna onde vamos denunciar todas essas mazelas. Será um Senado mais dinâmico e representativo, com a experiência que, nós os ex-governadores, levaremos para lá.

PMDB TEM DE
APOIAR BRASIL,
NÃO O
GOVERNO

■ Roberto Requião, ex-governador, foi eleito senador pelo PMDB-PR